

O DESPERTAR DO INTERESSE PELA HISTÓRIA: INVENTOS E CONTRATEMPOS

Maria Antonieta de Campos Tourinho

Início dos anos cinquenta no recôncavo da Bahia. Usina de cana de açúcar no município de São Francisco do Conde, cuja sede na época chamávamos, carinhosamente, de Vila. A descoberta e exploração do petróleo começavam a mudar a face da região. As viagens no navio de Santo Amaro, que me pareciam infinitas e encantadas, foram substituídas por outras bem mais rápidas nas estradas rasgadas no massapê pela Petrobrás.

Nesta usina, numa pequena casa típica de interior, funcionava a primeira escola que conheci na minha vida, posteriormente marcada por tantas e diversas outras escolas. Tinha cinco anos e a sensação, que predominou, é de que estava ali mais como visita, com as regalias que esta condição proporcionava, do que como aluna. Desta experiência, lembro-me vagamente da carta do ABC, da cartilha c, com muito mais intensidade, da professora, das festas que organizava, da palmatória com que ameaçava os meninos maiores nas sabatinas, dos hinos que cantávamos antes das aulas.

Conheci a minha escola "de verdade"¹ quando, aos seis anos de idade, vim para Salvador - que na época chamávamos Bahia - morar com meus avós. Durante o curso primário, fiz muita fila; participei de muitas rezas, de muitos ofícios a Nossa Senhora, de muitos beija-mãos de diretora e professoras; decorei poesias, nomes de muitos cabos, baías, afluentes de rios. regras de gramáticas e operações aritméticas, as quais não se incorporavam a nenhum contexto . O as vezes amargo as vezes insosso sabor da escola era ame- nizado pela roça, com suas jaqueiras, mangueiras e cajazeiras, pelas férias, pelos feriados, e felicidade das felicidades chegar na escola e, por algum motivo, não ter aula.

Uma destas suspensões teve um significado muito especial: era um dia de agosto de 1954 e, de repente, uma agitação que também vinha da rua. tomou conta da escola. Pais

apressados vinham buscar os filhos e fomos comunicados que não haveria aulas por três dias. Não me lembro, exatamente, em que momento soube da morte do Presidente da República. De qualquer maneira, além ter apenas nove anos, a excitação com a novidade superava sentimento da tragédia.

No decorrer do dia, fui me envolvendo com o drama que se desenrolava ao meu redor. A voz do locutor, no rádio, dando as últimas notícias, as pessoas agitadas comentando os fatos e dando suas opiniões, Presenciei, no meu mundo privado, reações diversas diante do seu suicídio: meu avô que era anti-getulista, era a favor da oposição: unis empregada vizinha chorava a perda do "pai dos pobres". De certa maneira, parte das contradições que ainda hoje cercam o getulismo estavam ali representadas. Podendo ver hoje do ponto de vista pedagógico, que bela aula de História poderia ter sido construídas partir das nossas vivências, percepções e revistas e jornais da época, Não obstante o ensino de História limitar-se à transmissão de fatos históricos, despertava a minha imaginação e o meu interesse. Imaginava como seriam as pessoas "antigas", como elas viviam. Parte dessa história, principalmente a referente ao período colonial, desenrolava-se na cidade onde morávamos. Eram locais conhecidos e frequentados no nosso dia a dia. Como não existia, entretanto, nenhuma preocupação em aproximar a história do aluno, esta ficava como que suspensa no ar, o que se manifestava, inclusive, na seleção de conteúdos da chamada "história oficial", que marginalizava momentos históricos significativos, como a Revolução dos Alfaiates, a Revolta dos Malês e a Sabinada, especialmente próximos do nosso cotidiano. pois aconteceram na Bahia.

Conhecia e me orgulhava da Inconfidência Mineira e de todos os seus personagens, mas ignorava a existência dos personagens desses movimentos, participantes de dramas que se desenrolaram pelas ruas, ladeiras e praças de Salvador e que são de importância fundamental] para a compreensão do processo histórico brasileiro.

Por que esta disciplina tão "decoreba" e tão descontextualizada quanto as outras despertava meu interesse mobilizava minha imaginação? Desde muito pequena, gostava de saber como as coisas tinham sido antes; de conversar com as pessoas mais velhas da família; de ouvir casos antigos; de olhar velhas fotografias. Esse interesse pelo passado

aumentou no ginásio, já que as "explicações" de História, ao contrário do curso primário, tinham o seu horário de aula com professores específicos e o estudo da disciplina ampliou-se para assuntos referentes à Idade da Pedra, Antiguidade, Idade Média, Moderna, Contemporânea.

A minha preferência por esta disciplina, que era visível e amenizava as dificuldades com o currículo da escola, deslocou-se, no curso clássico, para a Literatura, pois a proposta teórico-metodo-lógica desenvolvida pela professora, despertou meu senso crítico e ampliou o meu universo literário. As aulas de História, apesar de não serem tão envolventes como as de Literatura, continuavam a me interessar, a mobilizar a minha imaginação e, por isso, no momento do vestibular, acabei me decidindo por este curso.

Entrei na Faculdade de Filosofia, que funcionava na Avenida Joana Angélica, em um antigo, belo e querido prédio, em março de 1964. Tinha dezenove anos, o coração cheio de ansiedade e medo do futuro, porém com a esperança e a expectativa de um trabalho envolvente e motivador. No desenrolar do curso de História, **fui** tomando consciência da fragilidade teórica e, atualmente, percebo, também metodológica, do seu currículo. As concepções da história não foram objeto de estudo de nenhuma disciplina e isto, somado aos obstáculos postos ao marxismo pela repressão pós 64, contribuiu para um curso, na maioria das vezes, pouco crítico e estimulante, sem discussões teóricas mais amplas que indicassem o(s) caminho(s) que pudesse(m) ser trilhados pelos futuros pesquisadores e/ou professores.

Concluí o Curso de Graduação em História em dezembro de 1967. Ouvindo o discurso do nosso paraninfo Anísio Teixeira, tinha a alma inquieta, principalmente por me achar pouco preparada para o ofício que me aguardava, cheio de desafios e ameaças. Em 1968, depois de passar em concurso para o ensino público, enfrentei, pela primeira vez profissionalmente, a sala de aula. Apenas tinha começado a me situar no meu processo de trabalho, quando, a promulgação do AI-5, tornou a ditadura ainda mais violenta, dificultando diálogos que pudessem transformar o ensino aprendizagem em um processo mais prazeroso e consistente.

Com o estabelecimento do tecnicismo, as reformas

efetuadas no ensino médio, a partir de 1971, agravaram esta aridez. A despeito de todas as dificuldades e suas implicações, buscava não deixar que morresse a minha relação com a história. As tentativas de um ensino mais significativo, porém, esbarravam em um obstáculo **desanimador**: a falta de interesse do aluno. Fui percebendo, no decorrer das vivências em sala de aula, que este desafio comum a todas as disciplinas tem, no caso de História, seus desafios específicos, constituídos, basicamente, pela inexistência de respostas para as necessidades mais imediatas dos alunos e a não apreensão da importância da história, em toda a sua sutileza, o imbricamento de sua dimensão existencial, do ser como indivíduo, com a sua dimensão social, do ser coletivo.

Ensinar História a alunos de 1^o e 2^o graus. Ensinar Metodologia, na Universidade, a futuros professores de História. Estes dois momentos da minha vida profissional se interligam. Questões fundamentais, que atualmente perpassam o meu trabalho, foram geradas e refletidas a partir da minha experiência como professora do ensino básico.

Concordando com Maccedo⁽¹⁾, "reconhecer ou postular a complexidade de uma realidade significa renunciar, após qualquer trabalho de explicitação ao homogêneo". Considero que a complexidade da história e, dialeticamente, do seu ensino pode ser "olhada sob ângulos e referências diferentes, o que não exclui a possibilidade da contradição, pois no coração mesmo da complexidade coabitam as contradições..." (Coulon, 139)⁽²⁾. Penetrar na complexidade do ensino da História e descobrir o que ela contém tem sido a preocupação fundamental do trabalho que venho desenvolvendo com os meus alunos de Metodologia I e II.

Nesse processo de trabalho, me envolvi intensamente, ensinando, aprendendo, vivenciando situações que confirmaram a minha escolha em trabalhar forma/conteúdo integrados e a minha crença de que esta integração é a base do caminho do despertar do interesse pelo ensino da História.

⁽¹⁾MACEDO, Roberto Sidnei. Por uma epistemologia multirreferencial e complexa nos meios educacionais. *Revista da FAEEBA*, Salvador, Faculdade de Educação do Estado da Bahia, Universidade do Estado da Bahia, Ano 5, nº 6, jul.- dez. de 1996. p. 121

Essa integração forma/conteúdo se expressa no

planejamento, onde não existem espaços rigidamente definidos entre conteúdo, atividades e recursos que se movimentam, tomando a roupagem que o contexto pede. A integração forma/conteúdo também está intimamente relacionada com as concepções de História. Das concepções historiográficas depende, também, a natureza do sujeito histórico que vai predominar no processo de trabalho em sala de aula. A depender dos caminhos teórico-metodológicos seguidos, o aluno pode ir percebendo a historicidade do seu universo mais próximo e adquirindo condições para a compreensão do processo histórico.

A importância da construção, em sala de aula, de uma concepção de História é uma discussão que perpassa todo o curso e como, para essa construção, é fundamental uma consciência dos caminhos teóricos que se está percorrendo, optamos pelo estudo das principais correntes historiográficas contemporâneas que são apresentadas pelos alunos em forma de aulas planejadas da maneira que considerarem mais pertinentes e criativas.

Outra face da complexidade do ensino de História se expressa na dificuldade do aluno se situar no movimento do tempo o que só tem significado, se for estabelecido um diálogo entre passado e presente, "abre-te sésamo" da compreensão da importância da história, configurando "um passado que não é simplesmente passado mas possui uma certa continuidade com o presente"⁽³⁾ (Gay, 1990: 149). Como fazer com que um aluno de escola pública "viaje" da Salvador do século XX para a Lisboa do século XVI e isto tenha sentido na sua vida atual? Na busca desta resposta temos, procurado não apenas o diálogo passado/presente, mas também tentar desvendar a intensa relação do tempo com o espaço, considerado por Santos⁽⁴⁾, não "apenas um receptáculo da história, mas condição de sua realização qualificada". Movimentar-se nesta dimensão, isto também significando uma incorporação dinâmica dos mapas às aulas de história, tem sido um dos propósitos do nosso curso tanto na Metodologia I como na Metodologia II.

(2) apud MACEDO, op. cit.⁽³⁾ GAY, Peter. *O estilo na história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 149. , SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec. 1996. p.101.

A complexidade do ensino da história tem como

contrapartida a sua banalização, que se manifesta no seu estigma de disciplina decoreba atrelada a vícios como, por exemplo, a substituição do planejamento pela sequência de conteúdo do livro didático ou a predominância de questionários e "pesquisas" entre as atividades propostas para

Marcos Silva⁽⁵⁾, refletindo sobre como integrar as dicotomias prazer/luta, arte/ ciência, ensino/pesquisa que perpassam a educação, indaga:

Qual História merece ser ensinada a crianças, adolescentes e adultos? Seriedade e profundidade são dimensões que figuram imediatamente na resposta a tal indagação. Cabe acrescentar às mesmas o prazer como face da História que se pode aprender, associado ao rigor e à criatividade que a pesquisa mais responsável deve garantir.

Buscando tornar mais interessante, pertinente e criativo o ensino da História, temos trabalhado nos cursos de Metodologia e II basicamente sobre a relação entre tempo e espaço/ memória concepções historiográficas/ planejamento/ cinema e ensino da História. Esta tem sido a chave para a criação e recriação de outras possibilidades teórico-metodológicas em um espaço aberto para o estabelecimento de contato entre o ensino de História e a literatura; leitura; novelas; músicas; visitas a locais históricos, arquivos, bibliotecas e fortes; artes plásticas, histórias em quadrinhos.

Tais construções têm, no período de estágio, o seu maior estímulo, pois é neste momento, quando o planejamento toma lugar do livro didático, o questionário é substituído por atividade mais diversificadas, as salas de vídeo são ocupadas, os mapas chegam às salas de aulas, o tempo, o espaço e a História Oral são incorporados ao processo de trabalho, que as dificuldades de todos os matizes tornam-se mais concretas e desafiadoras.

SILVA, Marcos. *Histórias para a ensino - o direito ao prazer*. São Paulo: UNESP, s.d. (Cultura Histórica em Debate).

Muitas vezes, diante dos contratemplos, os inventos não se

mostram tão inventivos assim e o desânimo e a frustração prevalecem. De repente, uma invenção permite a transposição de um obstáculo, a esperança renasce, a renovação acontece, permitindo que Clio, a musa da história, revele os seus encantos, encobertos por tantos equívocos. Estes encantos e estes equívocos permeiam um processo de trabalho em que os inventos e contratempos se interagem e se contrapõem, abrindo a trilha para um ensino que, superando a sua complexidade, aproxime o aluno da história.